LECTIO DIVINA: 24º DOMINGO DO TEMPO COMUM, ANO A

Acolhimento. Sinal da cruz. Oração inicial. Invocação do Espírito Santo:

A. Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis
T. E acendei neles o fogo do vosso amor.
A. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado
T. E renovareis a face da terra.

A. *Oremos.* Senhor, nosso Deus, que iluminastes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, tornai-nos dóceis às suas inspirações, para apreciarmos retamente todas as coisas e gozarmos sempre da sua consolação. Por Cristo, nosso Senhor. T. Amen.

1) *LEITURA* (*Que diz o texto?* Que verdade eterna, que convite/promessa de Deus traz?)

Leitura do Evangelho segundo S. Mateus (18,21-35)

18,[21]Então, aproximando-se Pedro *de Jesus*, disse-lhe: «Senhor, quantas vezes pecará o meu irmão contra mim e lhe perdoarei? Até sete vezes?» [22]Diz-lhe Jesus: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. [23]Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que quis acertar contas com os seus servos. [24]Ao começar a acertá-las, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. [25]Como ele não tinha com que pagar, o senhor ordenou que fosse vendido, com a mulher, os filhos e tudo quanto tinha para que assim fosse paga a dívida. [26]Então o servo, caindo, prostrou-se diante dele, dizendo: 'Tem paciência comigo e tudo te pagarei'. [27]Enchendo-se de compaixão, o senhor daquele servo deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida. [28]Mas, ao sair, aquele servo encontrou um outro servo, seu companheiro, que lhe devia cem denários. Agarrando-o, começou a estrangulá-lo, dizendo: 'Paga o que deves'. [29]Então o companheiro, caindo, suplicava-lhe, dizendo: 'Tem paciência comigo e pagar-te-ei'. [30]Mas ele não queria; foi antes lançá-lo na prisão, até que pagasse o que devia. [31]Ora, os seus companheiros, vendo o que acontecera, ficaram muito contristados e foram contar ao seu senhor tudo o que acontecera. [32]Então, o senhor dele, chamando-o a si, diz-lhe: 'Servo mau, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. [33]Não era necessário também tu teres misericórdia do outro servo, teu companheiro, como eu tive misericórdia de ti?' [34]E, indignado, o senhor dele entregou-o aos verdugos, até que pagasse tudo o que devia. [35]Assim também fará convosco o meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar ao seu irmão, dos vossos corações».

Ler a primeira vez… Em silêncio, deixar a Palavra ecoar no coração… Observações:

- **v. 21**. A passagem de hoje, exclusiva de Mateus, é a quinta e última secção do "discurso eclesial" (cap. 18), o quarto discurso de Jesus neste Evangelho, onde se recolhem ensinamentos seus sobre a vida comunitária. Como em qualquer grupo humano, também nas comunidades cristãs, surgem conflitos, tensões, mal-entendidos, ofensas pessoais. É neste contexto que Jesus fala da *necessidade* do perdão (v. 32).

- Achando-se Pedro como discípulo a distância do Mestre, "aproxima-se de Jesus" e, em nome da comunidade, interroga-o sobre *os limites* do perdão. O mandamento do perdão não era novo. Os rabinos ensinavam a perdoar as ofensas e a não guardar rancor contra o irmão que tinha cometido alguma falta (Sr 27,33-28,9). Mas afirmavam que esta obrigação de perdoar só existia em relação ao "próximo", ou seja, aos membros do Povo de Deus (*mYom* 8,9), embora nunca digam que se deva perdoar sempre. Assim o Rabbi José bar Jehuda (ca. 180 d.C.) afirmava que Deus só perdoava à mesma pessoa três vezes (*bYoma* 86b.10; cf. Am 1,3.6.9.11.13; 2,1.4.6; *bYoma* 87b.13). Pedro sabe que neste ponto Jesus é radical (6,14s) e pergunta-lhe se deve perdoar "até sete vezes" (Lc 17,4), simbolizando "sete" a perfeição.
- **v. 22**. Jesus responde que não basta perdoar sempre ("sete vezes"), mas há que o fazer *sempre*, *de forma plena*: "setenta vezes sete" (gr. *hebdomekontákis heptá*). Embora o número pareça exagerado, a ponto de alguns lerem "setenta e sete vezes", o texto é claro (*Str-B* 1,797): ao invés de Lamek, que não deixava passar a mínima ofensa e prometia a máxima vingança ("setenta e sete vezes": Gn 4,23s), o perdão cristão vai muito além, *cobrindo todas as ofensas* e *superando toda a vingança*. Jesus é realista. O perdão é um dom, um *ato livre* da vontade (cf. v. 30: "não *queria*"), mas, embora se perdoe, não raro a ofensa deixa marcas que não são fáceis de esquecer, acabando a pessoa por a "re-cordar". Sinal de que a ferida precisa de ser curada pela graça. Daí a importância da paciência e da oração (v. 26): há que renovar o ato de perdão até ser capaz de olhar para o outro e o ver e amar como irmão (v. 35), perdoando-o tal como Jesus nos perdoou (cf. Lc 23,34.43).
- **v. 23**. É neste contexto que Jesus conta a parábola do devedor implacável (vv. 23-35). Compara o "reino dos céus" (Deus), "a um homem rei" (lit. 22,2; Jr 38,24), ou seja, a um rei "de carne e sangue" (para o distinguir de Deus, o Rei dos reis (Sl 84,4; Is 44,6; Dn 2,47; Ap 19,16). Este vai "acertar contas" com os seus servos, uma imagem do juízo particular (25,19; Rm 14,12; Hb 4,13; 1Pd 4,5). O rei é "o senhor dele" (*3x*: vv. 32.34) e de todos (gr. *kyrios*, *7x* aqui; cf. Rm 14,8), sendo todos os homens, em relação a ele, "servos" (gr. *doulos*, 5x: vv. 26.27.28.32) e, em relação uns aos outros, "companheiros de servidão" (gr. *syndoulos*, "conservo", *4x*: vv. 28.29.31.33; cf. Cl 1,7; 4,7; Ap 6,11; 19,10; 22,9), ou seja, "irmãos" (vv. 21.35; 23,8).
- **v. 24**. Logo no início trazem-lhe um servo com uma dívida astronómica: 10.000 talentos. Um talento (he. *kikkar*) pesava cerca de 35 kg, equivalendo um talento de prata a 6.000 denários. Sendo um denário o valor da jorna diária (20,2), dez mil talentos de prata (350 toneladas: 1Cr 29,7.4; 22,14) equivaliam a 60 milhões de jornas, uns 204 mil anos de trabalho. Sendo a época em que Jesus fala entre os anos 3787-3790 após a criação do mundo (27-30 d.C.), a quantia representa uma dívida cujo valor se estendia por um período 53 vezes superior ao da existência do homem. Claro que Jesus fala de "dívidas" (6,12), ou seja, não só pecados, mas também de faltas. A quantia simboliza a "dívida" da huma-

nidade pecadora para com Deus, "dívida" que ninguém é capaz de pagar (cf. Sl 49,7s) e da qual só Deus a pode resgatar (cf. Sl 130,7s; Is 41,14).

- **v. 25**. "Não tendo com que pagar", "o senhor" (rei) sentenciou que fosse vendido com toda a sua família e todos os seus bens "para que assim fosse paga a dívida". Na Antiguidade as dívidas pagavam-se através da venda dos bens e da escravidão (cf. Ex 22,2; Lv 25,10.39; Jz 10,7; Is 50,1; Fl.Jos. *Ant.* 16,1,1). Mas o valor recebido está muito aquém da dívida.
- **v. 26.** O servo então, prostrado (como que em oração: 2,2.8.11; 8,2; 9,13; 14,33; 15,25; 20,20; 28,9.17), implora ao "seu senhor" que tenha paciência e promete-lhe fazer o que todos logo sabem ser impossível: "pagar tudo".
- **v. 27.** Surpreendentemente, "o senhor daquele servo" (24,50) "encheu-se de compaixão" (gr. *splanknízômai*: 9,36; 14,14; 15,32; 20,34; Lc 15,20) e sem nada exigir e nada ter recebido (cf. Is 45,13), perdoa-lhe tudo e deixa-o ir em liberdade (Sl 103,3; Sb 12,16.; Lc 7,42). O exagero da dívida serve para pôr em relevo a imensidão da misericórdia deste rei "humano" e "senhor", imagem de Deus (Sb 12,18-19), que quer perdoar à humanidade o seu pecado, perdão este que se traduz no perdão a cada um dos homens.
- **v. 28**. Ao ato do senhor, contrapõe-se a atitude do servo, que, tendo experimentado a infinita misericórdia daquele, se recusa, mal sai em liberdade, a perdoar "a um outro servo, seu companheiro" (gr. *syndoulos*: "conservo": 24,49; Rm 13,7) que lhe devia 100 denários (uns três meses e meio de ordenado), quantia 600.000 vezes inferior à sua dívida. Agarra-o e começa a esganá-lo, exigindo o pagamento imediato da dívida (cf. Rm 13,7).
- **v. 29**. Apesar do pedido do seu colega, semelhante ao seu, mas muito mais verdadeiro e realista (v. 26), de ter paciência e aguardar um pouco, pois logo lhe pagará (não diz "tudo" de uma vez), **v. 30**, o servo não acede e quase lhe tira a hipótese de o fazer, mandando-o prender.
- **v. 31**. Perante isto, os seus companheiros ficam profundamente contristados (gr. *lypéô*, Mt, 6x: cf. Rm 14,15; 2Cor 7,9; Ef 4,30) e vão contar "ao seu senhor", **v. 32**, que o manda chamar e repreende, **v. 33**, dando a chave da parábola: "não era *necessário* também tu teres misericórdia do teu companheiro, como eu tive misericórdia de ti?" "Ser necessário" (gr. *deî*, Mt, *8x*) é um verbo que noutros contextos aponta uma necessidade teológica, a vontade de Deus expressa na Escritura (16,21; 26,54) ou seja, ter misericórdia do irmão e perdoar sempre, como Deus o faz (5,7; 1Jo 4,11). **v. 34**. "Indignado" (22,7), "o senhor" mostra que quem não perdoar como o primeiro "servo mau" (v. 32), ficará na prisão (do não-perdão), atormentado por "verdugos" (sofrimentos), até ter pago (perdoado) tudo (5,25s).
- **v. 35**: cf. 6,14s; 7,2p; Mc 11,26. A parábola desperta-nos para a misericórdia de Deus que, embora seja infinita, depende de quem a recebe. O perdão de Deus é gratuito, infinito, total; mas para o receber, aquele que recebeu a remissão dos pecados, deve por sua vez perdoar o próximo tal como Deus o perdoou (6,12; Cl 3,13). Existe uma relação entre o perdão

que se dá e o perdão que se recebe: Deus perdoa sempre, mas só recebe o seu perdão quem se dispõe a perdoar ao seu próximo como Ele o faz.

Ler o texto outra vez... Em silêncio, escutar o que Deus diz no segredo...

2) MEDITAÇÃO... PARTILHA... (*Que me diz Deus* nesta Palavra?)

a) Que frase me toca mais? b) Que diz à minha vida? c) Oração em silêncio... d) Partilha... e) Que frase reter? f) Como a vou / vamos pôr em prática?

- Perante uma falha dum irmão (por pouco importante que seja), sinto-me ofendido e indignada, assumo a postura da vítima injustiçada, lesada e magoada? Ganho-lhe ódio, tomo atitudes de vingança ou de desforra para com ele? Julgo-o, falo mal dele e difamo-o? Ou perdoo-o como Cristo?

3) ORAÇÃO PESSOAL... (*Que me faz* esta Palavra *dizer a Deus?*)

4) CONTEMPLAÇÃO... (*Saborear a Palavra em Deus*, deixando que ela me inflame o coração)

SALMO RESPONSORIAL *Sl 103*,1-4.9-12 (R. cf. 8)

REFRÃO: **O Senhor é clemente e compassivo, cheio de misericórdia para com todos.**

Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e todo o meu ser bendiga o seu nome santo.
Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e não esqueças nenhum dos seus benefícios. R.

Ele perdoa todos os teus pecados
e cura as tuas enfermidades.
Salva da morte a tua vida
e coroa-te de graça e misericórdia. R.

Não está sempre a repreender
nem guarda ressentimento.
Não nos tratou segundo os nossos pecados
nem nos castigou segundo as nossas culpas. R.

Como a distância da terra aos céus,
assim e grande a sua misericórdia para os que O temem.
Como o oriente dista do Ocidente,
assim Ele afasta de nós os nossos pecados. R.

Pai-nosso...

Oração conclusiva:

Deus, Criador e guia de todas as coisas, lançai sobre nós o vosso olhar; e para sentirmos em nós os efeitos do vosso amor, dai-nos a graça de Vos servirmos com todo o coração. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. T. Amen.

Ave-Maria...

Bênção final. Despedida.

5) AÇÃO... (*Caminhar à luz da Palavra*, encarnando-a e testemunhando-a na nossa vida)